

MÚSICA Primeiro disco de Luís Capucho exibe um poeta cantador de rimas graves e cenários incômodos

Trovador da causa perdida



CD: *Lua Singela*
 Autor: Luís Capucho
 Gravadora: Astronauta Discos
 Preço: R\$ 20, em média

Adalto Alves

Da editoria do DMRRevista

O que é uma lua singela? O cantor Luís Capucho vê a lua na sarjeta. No lugar onde um cara travado jaz apagado ao lado de uma lata de lixo. Ele se põe como observador. Retira dessa matriz a matéria de seus versos. Que resultam em música geralmente

triste. Porque, de certo modo, é triste ser deslocado. Não pertencer ao rol dos normais, que levam uma vida normal.

Ninguém, sendo sensato, perambula pelos becos atrás de inspiração para versos desbocados. A não ser que seja um Lou Reed que não acredita no que todo mundo fala e procura, nas beiradas, no lado selvagem da rua, histórias de perdedores, marginais, drogados, prostitutas, gente que afronta o senso comum com sua existência desastrada. Povoada por dramas perigosos.

O problema é que não dá para se envolver de um modo abstrato, imaginário, distante. Seria afetado. Ninguém acreditaria em Lou Reed escrevendo sobre travecas no alto de uma cobertura desinfetada, como um dândi sem coragem de sujar as mãos no asfalto. Luís Capucho não é Lou Reed. Lou Reed não é David Bowie. David Bowie não é Muddy Waters. Muddy Waters não é Lulu Santos. Lulu Santos



Luís Capucho não é Lou Reed, mas sabe andar no lado escuro da rua

não é Luís Capucho.

Mas Capucho canta como um Lou Reed, e não vamos guardar nenhuma proporção ridícula, dessas que apaziguam os equilíbrios. O assunto é o desequilíbrio, o destemperado, o gosto de morangos mofados no céu da boca amarga. Como Lou Reed, Capucho canta com uma inflexão amorfa. Sem necessidade de ressaltar o que não precisa ser sublinhado.

Os versos dizem tudo quando se movimentam nas melodias lúgubres. A voz entorpecida, mal educada para os padrões de uma beleza cartorial, declama mais do que canta e expressa significados aturdidos. Os olhos parece que já viram muito e não se iludem mais com cenas torpes. Mesmo que a torpeza, numa perspectiva insólita, se reconheça no espelho que reflete o cotidiano das pessoas ordinárias e comuns. Absolutamente normais e casuais. Como nós.

É um ponto de vista. Ninguém ousará dizer, de Capucho,

que ele não tem um ângulo de visão. Privilegiado. Embora do outro lado do batente na linha do trem. A bordo de um violão inocente, descarnado. Acolhido pelos tantos instrumentos do produtor Paulo Baiano. O toranjo da guarda do outsider.

Muitos amigos de Capucho chegaram junto para contribuir aqui e ali, com alguns detalhes. Kali C, Clara Sandroni, Suz Thompson, Marcos Sacramento, Mathilda Kóvac reforçaram os vocais. Naldo Miranda, Lucini Turnbull, Rodrigo Campello, B. Clemente, Ricardo Gilly acrescentaram sonoridades. Nada que forme propriamente uma banda.

A coerência triste, deprimida, cortante, a urticária escorre pela causa de Capucho e seus causas despossuídos. "O mundo é de comerciantes/ por isso é que antes/ quando eu vendia alcatres/ ganhava uns trocados arrancando uns dentes/ e agora preciso apertar uns parentes pra pagar as contas." Sem nenhuma concessão.